



**UEPB**

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA  
CAMPUS III  
CENTRO DE HUMANIDADES  
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM HISTÓRIA**

**SANDEILSON BESERRA NUNES**

**NAS ENGRENAGENS DO ENSINO DE HISTÓRIA: NARRATIVAS E PRÁTICAS  
DO SUBPROJETO PIBID HISTÓRIA.**

**GUARABIRA-PB  
2016**

**SANDEILSON BESERRA NUNES**

**NAS ENGRENAGENS DO ENSINO DE HISTÓRIA: NARRATIVAS E PRÁTICAS  
DO SUBPROJETO PIBID HISTÓRIA.**

Trabalho de Conclusão de Curso em História da  
Universidade Estadual da Paraíba, como  
requisito parcial à obtenção do título de  
Graduado em História.

Área de concentração: Ensino de História.

Orientador: Prof. Dr. João Batista Gonçalves  
Bueno.

**GUARABIRA-PB  
2016**

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

N972 Nunes, Sandeilson Beserra

Nas engrenagens do ensino de história: [manuscrito] :  
narrativas e práticas do subprojeto PIBID história / Sandeilson  
Beserra Nunes. - 2016.

37 p. : il. color.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) -  
Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades, 2016.

"Orientação: João Batista Gonçalves Bueno, Departamento de  
História".

1. Ensino de História. 2. PIBID. 3. Oficinas Pedagógicas. I.  
Título.

21. ed. CDD 371.32

SANDEILSON BESERRA NUNES

NAS ENGRENAGENS DO ENSINO DE HISTÓRIA: NARRATIVAS E PRÁTICAS DO  
SUBPROJETO PIBID HISTÓRIA.

Artigo, apresentado (a) ao Curso de  
Licenciatura Plena em História da Universidade  
Estadual da Paraíba, como requisito parcial à  
obtenção do título de graduado em História.

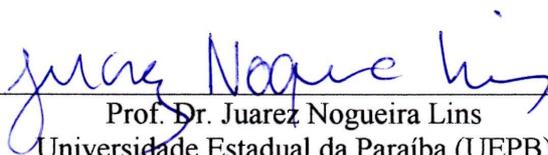
Área de concentração: Ensino de História.

Aprovada em: 14/10/2016

BANCA EXAMINADORA



Prof. Dr. João Batista Gonçalves Bueno (Orientador)  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof. Dr. Juarez Nogueira Lins  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof. Dr. Francisco Fábio Dantas da Costa  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

A Marisa Tayra (*in memória*) pelos laços de memória  
e afeto, DEDICO.

## AGRADECIMENTOS

Todo agradecimento comete injustiças de esquecer nomes. Mas tentarei lembrar de todos. Qualquer exercício é fruto de um esforço coletivo de pessoas que ajudaram e deram sua contribuição para que esse momento acontecer.

A Deus, logo sem ele não teria forças para lutar e resistir aos desafios da vida. Esse ser é força vital e alimento para alma nos momentos mais difíceis de minha vida.

A minha querida mãe, Cláudia de Fátima que não tenho palavras para expressar meu carinho imenso por este ser único que me colocou no mundo. Foi ela que colou as primeiras “sementes” de História em mim e carinho pela profissão docente. A minha irmã, Samara que apesar dos atritos sempre me deu conselhos valorosos e contribuiu para minha formação. Ao meu pai, Severino pessoa íntegra que ajudou a formar meu caráter como pessoa e profissional, segue meus cordiais abraços.

Ao meu orientador, João Batista Gonçalves Bueno deixo meus agradecimentos. Obrigado por ter paciência comigo nos momentos difíceis da pesquisa. Aos professores e amigos Prof. Juarez coordenador de Campus do PIBID. Prof. Fábio Dantas, pelos conselhos amigáveis e fraternos.

Aos amigos e inimigos peço a Deus que cresçam e busquem a luz. Aos que ficaram quero agradecer, aos meus irmãos longe de casa Diognnys, Carlos e Renata que foram pilares indispensáveis para realização deste sonho, vocês dividiram os mais variados sentimentos comigo, foram confidentes e cúmplices dos meus sentimentos, vocês são mais que amigos são irmãos que não tive.

Aos “Guariocas” amigos distantes Omar e Elisabete deixo um “cheiro Nordestino” nos dois e meu muito obrigado por me ajudarem mesmo estando tão perto e as vezes tão longe de mim vocês são amigos únicos e raros. Aos amigos de congresso que depois de um tempo se tornou uma equipe: Severino (Biu o Gostoso), Francielly Morgana (Fran da França), Luís (Jamal), Severino (Canafístula), Cilene, Leo (Doido,) Júnior (Botija), Joelson (Bicameral), Ary (Liminha) e tantos outros sintam-se abraçados. Os colegas de PIBID, Joanne, Aline, Tânia, Aldeizy, José Thiago e Emmanuel de Luna meu muito obrigado, suas colaborações serão eternamente vivas em minha memória.

Reconheço, aqui a importância da minha turma 2011.1 noite que me deu muitas alegrias e tristezas nessa caminhada em busca do conhecimento, Beli, Leninha, Júlio e Fábio vocês sempre serão especiais. Dedico também aos meus colegas que se perderam ao longo dessa caminhada árdua e prazerosa o espaço que aqui lhe cabe é de nostalgia e alegria.

A todo corpo de professores da UEPB em especial ao departamento de História que contribuíram de forma sólida para meu caráter profissional. Dedico esse trabalho em especial a professora Marisa Tayra (*in memória*), seus conselhos que me assemelham aqueles ofertados pelos oráculos aos gregos antigos, conselhos esses que não se limitam a área da História, mas sim conselhos para a vida que confluíram para finalização deste trabalho. A todos os funcionários desta instituição quero agradecer por serem suporte e ajuda. Obrigado.

As professoras, Severina (Bibi), Fátima e Solange obrigado por ajudarem nessa caminhada. A 2ª Gerencia Regional de Ensino onde tive minhas primeiras experiências referentes a administração escolar, em especial deixo um abraço para: Dona Wedja, Carol, Zeilinha e Nena. A E.E.E.F.M. Augusto de Almeida, Pirpirituba- PB pelos 2 anos de experiência como professor, deixo minha estima consideração e respeito a Diretora Cláudia, aos professores aos meus alunos queridos e a mais um irmão que ganhei nesta caminhada Joel. Quero prestar condolências a E.E.E.F.M. Mons. Emiliano de Cristo que me acolheu nesse, 4 anos de PIBID, onde pude refletir um pouco sobre a profissão docente. Meu abraço caloroso a todos os alunos que estiveram comigo nesta caminhada, corpo docente e a Diretora Lúcia Ângela.

A minha companheira Mirelly, por me ajudar e dá força nos momentos que pensei em desistir. Quero deixar registrado, logo tem um pouco da sua ajuda aqui, pois foi você quem mais deu força para essa pesquisa, meu carinho e respeito por você são inexplicáveis. No mais aos meus familiares, Tia Dena, Tia Tuta, Valter, Vó Helena, Vó Júlia (*in memória*), meus familiares de Natal-RN e de todo canto do Brasil em especial quero agradecer a tia Rosangela e Rennan por me acolheram em sua casa nos momentos que mais precisei durante minha formação.

Para os que não foram lembrados deixo um abraço fraternal, pois são muitas pessoas que ajudaram e fizeram parte mesmo que de forma indireta desta realização. Apesar dos erros e infortúnios consegui supera-los e vencer. No mais meu muito obrigado a todos e todas.

“Sobretudo, o historiador deve estar preparado para assumir riscos, ao projetar no passado “a personalidade moderna” (“instrumento importante que desvenda os mistérios”) graça à qual “é possível penetrar mais profundamente no objeto”.

Jules Michelet

## SUMÁRIO

1- INTRODUÇÃO .....	11
2- UM ESTUDO DO CASO PIBID .....	12
3- O PIBID EM AÇÃO: EXPERIÊNCIAS E INTERVENÇÕES POSSÍVEIS NO ENSINO DE HISTÓRIA.....	16
4- OS RESULTADOS DO PIBID DE HISTÓRIA NA UEPB.....	19
5- RELATANDO EXPERIÊNCIAS .....	21
5.1- Ditadura, depoimento: relações possíveis com o ensino de história. ....	28
5.2- Grafismos afro nas aulas de História propostas possíveis.....	29
5.3- Documentos trabalhistas e o Ensino de História conexões possíveis .....	31
6- CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	33
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....	36

# NAS ENGRENAGENS DO ENSINO DE HISTÓRIA: NARRATIVAS E PRÁTICAS DO SUBPROJETO PIBID HISTÓRIA.

Sandeilson Beserra Nunes<sup>1</sup>

## RESUMO

Este artigo tem a intenção de analisar as experiências vivenciadas pelo PIBID, subprojeto História UEPB Campus III no município de Guarabira-PB. Esta pesquisa qualitativa e virtual, teve como espaço de análise as Escolas da rede Estadual deste município e do Brasil. Diante disso, condicionou-se nosso olhar para os saberes e aproximações realizadas pelo projeto PIBID. Deste modo, se percebeu os avanços e aproximações significativas que o projeto vem realizando em consonância com o Ensino de História. Dessa maneira, oportunizou-se aos alunos, bolsistas e supervisoras a construção de um saber histórico dinâmico que produziu sentido e significado para o aluno. Diluídas essas informações e seguindo os rastros abertos por outros PIBIDs, abriu-se um leque de informações e recursos que proporcionou a realização desta pesquisa. Nesta perspectiva, buscou-se compreender como PIBID e Ensino de História mudou os contornos das relações ensino aprendido. Como armações teóricas para sustentar essa pesquisa utilizamos (BITTENCOURT, 2004), (CAIMI, 2006) e (SCHMIDT, 2009).

**Palavras-chave:** Ensino de História. PIBID. Oficinas-pedagógicas.

## IN THE GEARS OF HISTORY TEACHING: NARRATIVES AND PRACTICES OF THE PIBID HISTORY SUBPROJECT.

## ABSTRACT

This article is intended to analyze the experiences lived by the PIBID, History subproject UEPB Campus III in the city of Guarabira-PB. This qualitative and virtual research has had as analysis space the Schools of the State network of this municipality and of Brazil. Before that, it was conditioned our vision through knowledge and approaches made by the PIBID project. Thus, it was seen the significant advances and approximations that the project has been performing in line with the History Teaching. Thus, it was provided an opportunity to students, scholars and supervisors to build a dynamic history knowledge that produced sense and meaning to the student. Diluted this information and following the trails opened by other PIBIDs, it opened up a range of information and resources that provided the carrying out of this research. In this perspective, we sought to understand how PIBID and the History Teaching has changed the contours of the relations teaching-learning. As theoretical frameworks to support this research we used (BITTENCOURT, 2004), (CAIMI, 2006) and (SCHMIDT, 2009).

**Keywords:** History Teaching. PIBID. Educational-workshops

---

<sup>1</sup> Aluno de Graduação em Licenciatura Plena em História na Universidade Estadual da Paraíba – Campus III.  
E-mail: sandeilson@hotmail.com

## 1- INTRODUÇÃO:

*Terminando meus estudos num piscar de olhos, chego aos vinte um anos como professor de História no Liceu de Constantina (Argélia). Sou, então, um aprendiz de historiador, como centena de outros. Ensino como milhares de outros, uma história factual que me diverte porque aprendo enquanto ensino. Sou mesmo, de saída, o que se pode chamar um bom professor, porque gosto dos meus alunos, que me correspondem com juro em Constantina, e depois em Argel. Repito: sou, então um historiador do acontecimento, da política das biografias ilustres.<sup>2</sup>*

A epígrafe de Braudel nos convida a refletir sobre as propostas que serão lançadas nesse artigo. Isto é, esta pesquisa tornou-se viável devido a longa caminhada feita por bolsistas e supervisoras do PIBID, dentro Escola de Educação Básica do Estado no Município de Guarabira-PB.

O citado fragmento nos convida também a desobstruir nosso olhar acerca do Ensino de História. Assim, o autor nos leva a refletir sobre as experiências. Afinal, “Sou, então, um aprendiz de historiador, como centena de outros”.

As palavras do autor, ecoadas nos mostrou como ele vê a experiências de Ensinar História. Com isso, esses saberes se tornam pistas que abrem caminhos para as discussões acerca do processo de ensino. Desta forma, este trecho proporciona entender com as experiências se tornam um elemento importante na construção do saber histórico e na formação docente.

Fluidificadas estas informações o PIBID subprojeto História UEPB Campus III, permitiu que as experiências fossem vistas e compreendidas. Com isso viabilizou-se observar as narrativas do saber histórico sendo tecidas no momento que o Ensino de História acontece. Assim, o PIBID, “subverte a lógica” da formação docente e do processo de construção do saber histórico.

À vista disso, o saber histórico deve ser colocado em pauta em todos os níveis de ensino. Dando horizontes para o historiador ressignificar sua prática, assim o conhecimento historiográfico, necessita refletir sobre os encaminhamentos do nosso ofício.

É na escola que o campo de conhecimento do professor se dilata e se misturam com outros saberes. E nesse processo de mesclas que vão erguendo-se as pontes do saber docente e a difusão do conhecimento histórico.

---

<sup>2</sup> Texto *Minha Formação de historiador*, de autoria de Fernand Braudel, presente no livro *Reflexões Sobre a História* (1992), tradução brasileira de *Ecrits Sur L'Histoire II*, publicado 1990 na França.

Apesar dos esforços dos docentes em formar essas pontes de difusão do conhecimento, a realidade ainda é muito distante do ideal. Logo, os cursos de licenciatura ainda reproduzem um conhecimento afastado da realidade do aluno e não pensam na sua prática como objeto de pesquisa.

Afinal. Como é possível, desenvolver um Ensino de História mais participativo, ativo e dinâmico, condizente com a realidade do aluno? Nesta exposição abordaremos algumas reflexões que mostram que sim. É possível fazer um Ensino de História mais próximo e significativo.

Desta forma, esse artigo objetiva analisar as experiências vivenciadas pelo subprojeto de História, no ensino básico, nos levando a refletir sobre as possibilidades acerca do Ensino de História desenvolvendo assim o trabalho com variados suportes que suplementaram as aulas de História. Para a realização destes objetivos, partiu-se de uma pesquisa qualitativa e virtual com abordagens investigativas.

Deste modo, transitar na Escola, nos possibilitou vasculhar com minúcias a dimensão do que é ensinar. Os diálogos presentes neste material são valorosos, pois fazem revelações que mostram um mundo ainda pouco explorado, cheio dos mais variados sentimentos e embates pelo poder da atenção.

Apesar destes desconfortos o PIBID, vem desenvolvendo propostas inovadoras pesando sempre em modificar e trazer os alunos para serem sujeitos ativos do processo de ressignificação do saber histórico. Com isso, ao abrir cada parte desse artigo se torna um convite a refletir e ampliar as visões do leitor acerca do Ensino de História.

## **2- UM ESTUDO DO CASO PIBID.**

Zelar pelo magistério é gerar um saber-fazer produtivo e ressignificativo criando dimensões que permitam pensar à docência por novas visões. Pensando no magistério tendo como lógica uma dinâmica que perceba o conhecimento através das sensibilidades as quais produzam mudanças na vida docente.

A relação professor-aluno, e o processo de aprendizagem se dá de forma mais ativa quando os alunos se sentem mais próximos do professor. O “bom” docente que conseguir realizar essa aproximação pode deixar as aulas mais agradáveis e significativas.

Não pudemos desassociar ensino e aprendizado, pois esses são os principais meios de conexão entre professor e aluno. É a partir dessa relação que o professor consegue se aproximar

do aluno criando uma boa interação para o processo de aprendizado. Esse é pautado no diálogo que tem como suporte teórico as relações do cotidiano. Isto é, a partir do estudante e de seus valores que são trazidos de suas origens sociais.

É de senso comum que uma boa formação docente é importante para uma educação de qualidade. No Brasil, isso vem se consolidando, basta ver os investimentos em políticas públicas que contribuem para um melhoramento da educação. A exemplo do PIBID.

Mas afinal o que é PIBID?

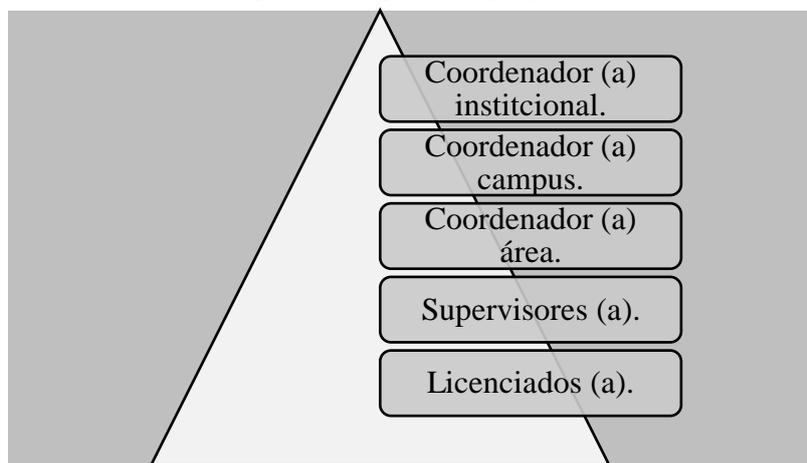
Segundo a Coordenação de Aperfeiçoamento de Nível Superior – (CAPES). PIBID é:

Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência – PIBID é uma proposta de valorização dos futuros docentes durante seu processo de formação. Tem como objetivo o aperfeiçoamento da formação de professores para a educação básica e a melhoria de qualidade da educação pública brasileira. (BRASIL, 2012)

Este programa de melhoria de aperfeiçoamento docente deu aos estudantes matriculados nos cursos de licenciatura bolsas para que eles desenvolvessem atividades que contribuíssem para melhoria e capacitação dos professores no contexto escolar.

O programa do PIBID na UEPB Campus III, Centro de Humanidades subprojeto História conta com a seguinte estrutura. Um coordenador (a) institucional, um coordenador (a) de campus, um coordenador (a) de área, três supervisoras (Projeto PIBID de História – UEPB) e quinze licenciados (Bolsistas ou “Pibidianos”). Como ilustra o esquema piramidal hierárquico logo abaixo:

Figura 01: Esquema do programa.



Fonte: criado pelo autor, baseado no edital. BRASIL – CAPES – PIBID – UEPB 2012.

Nesse esquema combinou-se atividades de suporte teórico-metodológico que proporcionou aos professores sejam eles de quaisquer disciplinas uma interação dialogada e planejada.

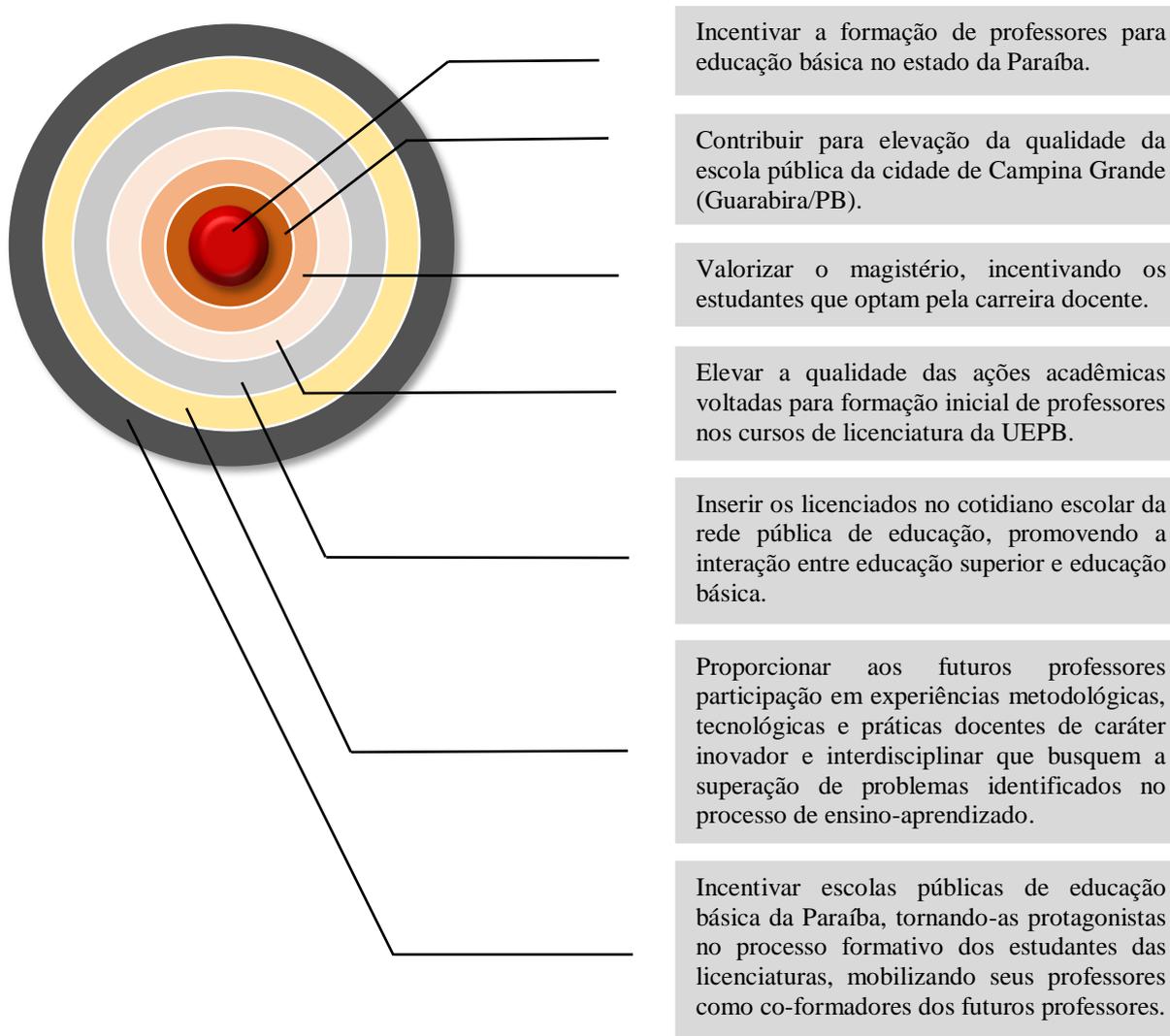
Essa proposta do programa, visou promover e incentivar a vivência do licenciado no cotidiano das escolas públicas durante formação acadêmica. Diante disso, desenvolveu-se atividades didático-pedagógicas sobre a orientação de um supervisor (Professor da Escola). Com formação na área do licenciado. Assim, os licenciados (Bolsistas), tiveram como facilitadores os supervisores responsáveis pela introdução deles no espaço escolar designando-os para desenvolver as atividades de suporte na relação ensino-aprendizado.

Desenvolvida essa relação os estudantes bolsistas ao serem acompanhados em suas atividades pelos supervisores ampliaram a relação de aproximação. Assim os alunos bolsistas se integraram ao espaço escolar, participando de reuniões de pais e professores, avaliações escolares, reuniões pedagógicas. Ou seja, foi um contato direto com a realidade do ensino. Nesse sistema os profissionais da área de licenciatura entram em um processo de formação continuada.

Este espaço de trabalho se reinventou tornando-se objeto de pesquisa. Todos os envolvidos no programa de forma direta ou indireta como coordenadores (Professores Universitários) ou o corpo escolar (Direção e Apoio), passaram a interagir com as atividades rotineiras da Educação Básica. Assim, ocorreu um processo de ressignificação de suas atividades curriculares ligando Universidade e Educação Básica.

Segundo Arroyo, “Temos que ampliar o olhar sobre os processos formadores dos educadores-docentes. A formação acontece na totalidade de práticas e, sobretudo no movimento educativo que as propostas legitimam e incentivam” (ARROYO, 2002). Fortalecidos pelas palavras de Arroyo devemos ampliar nosso olhar para que enxerguemos alunos e professores como sujeitos formadores do processo ensino-aprendizado. Vinculado isso o PIBID, se tornou condutor do processo de ressignificação da prática docente. Como nos mostra os objetivos do projeto, segundo o edital 2012.

Figura 02: Objetivos do PIBID.



Fonte: Esquema nuclear criado pelo autor a partir do Edital PIBID – BRASIL CAPES UEPB 2012.

Quando nos debruçamos sobre os objetivos do programa e passamos este para um plano núcleo (como esboçado logo acima) percebeu-se que os objetivos partem do micro para o macro. Assim sendo, o foco se concentrou na formação de professores, o qual foi criando elos com outros objetivos expandindo os campos de atuação do programa.

De posse desses objetivos pudemos decifrar os elementos que nortearam o projeto, agregando meios diferenciados que abriram espaço para novas possibilidades acerca do ensino.

Nesse processo de intercâmbio humano (ARROYO, 2002) e troca de valores que foram sendo forjados as imagens do PIBID. Por meio da análise e recursos metodológicos o projeto amenizou as zonas conflituosas: (alunos problemáticos, professores relapsos, desinteresses com a disciplina História e falta de compromisso de professores e alunos) no campo da educação.

Assim sendo, o PIBID subprojeto História, realizado nas escolas, proporcionou enxergar de forma ampliada o campo de trabalho docente, ressignificando as suas práticas e melhorando a sua relação teórico-mitológico.

### **3- O PIBID EM AÇÃO: EXPERIÊNCIAS E INTERVENÇÕES POSSÍVEIS NO ENSINO DE HISTÓRIA.**

Exposto os apontamentos acerca do projeto e sua importância na presença do processo de ressignificação do ensino passemos a investigar como ele está sendo desenvolvido em outras universidades. Assim, podemos fazer um balanço dos movimentos de aproximação referentes as atividades desenvolvidas pelo PIBID.

Na UFPB – Universidade Federal da Paraíba, o projeto possui uma plataforma virtual para comunicar ao público em geral atividades desenvolvidas por eles. O *blogger*<sup>3</sup> “Curtindo Histórias<sup>4</sup>”, possui um acervo variado de informações sobre o projeto.

Examinada as informações fornecidas pelo *blogger*, podemos ter uma dimensão do desenvolvimento do PIBID. Na E.E.E.F e M. Escritor José Lins do Rego em João Pessoa/PB o projeto “Cine História” teve origem na carência dos alunos dessa escola em compreender a História. A frente disso, os alunos bolsistas do PIBID-UFPB, elaboraram esse projeto com a proposta de exibir recortes de filmes que possuíssem em sua trama elementos históricos. Com esta finalidade de melhorar a relação ensino-aprendizado os bolsistas tornaram os estudos da disciplina de História mais interessante.

Com essas informações concebidas por eles pudemos afirmar que, o cinema é um aliado para o ensino de História. Ele ofereceu suporte teórico-metodológico para o conhecimento. Fazendo com que, as relações passado-presente se tornassem mais próximas do aluno havendo um contato mais dinâmico e objetivo.

Com essas estratégias que possibilitou a aproximação docente dos discentes onde alunos, professores e bolsistas somaram forças para sair de um ensino pragmático e desconexo da sua realidade. A UFPB em parceria com o PIBID e PROLICEN<sup>5</sup> – Programa de Licenciaturas

---

<sup>3</sup> E uma plataforma gratuita ou “espécie site” que pertence a Google desde 2003. Atualmente o Blogger é bem conhecido no mundo WEB por ser gratuito e operar dentro dos servidores da Google, além disso ele é bem procurado por iniciantes ou até por profissionais por ser bem fácil de navegar e administrar. Informações fornecidas por Gustavo Guerra do site: <<http://www.ajudablogueiros.com.br/2011/05/10/o-que-e-blogger/>>. Acesso em: 28/08/2016.

<sup>4</sup> Para mais informações acesse: <<https://curtindohistorias.wordpress.com/>>. Acesso em: 28/08/2016.

<sup>5</sup> Programa acadêmico da PRG/UFPB que tem como objetivo estimular o desenvolvimento de ações visando a melhoria da qualidade dos cursos de licenciatura, contribuindo com a formação dos alunos da instituição e com a

elaboraram o projeto, “Teoria, Método e Produção Didático-Pedagógica no ensino de Pré-História e História Indígena”. Este projeto se propôs explicar de forma mais objetiva e simplificada os estudos sobre pré-história brasileira e a formação dos primeiros grupos indígenas a habitar o espaço que hoje pertence ao Estado da Paraíba.

Foram desenvolvidos estudos do PIBID-UFPB, sobre pré-história foram mais adiante, quando se nota, que se desenvolveram atividades que colocaram a região Nordeste em pauta nas discussões dentro da sala de aula. Esse projeto fortaleceu-se por meio de rodas de conversa que discutiam a Paraíba com espaço de disputas políticas, hierárquicas e oligárquicas. Para o bom andamento desses debates foram utilizados jornais, músicas e o Livro Didático.

Partindo desses procedimentos o PIBID de História da UFPB, fez uso de quadrinhos para estimular o ensino de História. Essa atividade foi desenvolvida tendo como eixo temático a “Guerra Fria”, mostrou aos alunos como são fabricados os “Heróis Americanos” e como eles lutam para enaltecer a supremacia norte-americana diante dos outros países.

Narradas essas informações pudemos concluir que os bolsistas do PIBID-UFPB, possuem um material relevante que nos propõe a refletir sobre nossa prática. Com isso, as aplicações dessas atividades desencadearam um processo de aproximação entre o aluno e Ensino de História realizando mudanças significativas no espaço teórico-metodológico.

Na UFPE – Universidade Federal do Pernambuco, o PIBID também trouxe benefícios que merecem destaque. No primeiro contato, percebeu-se a primeira semelhança, ambas as universidades fazem uso do *blogger* como elemento de divulgação das suas atividades.

A E.E. Martins Júnior no município do Recife/PE, foi realizado um exercício que teve o intuito de contar a História do Bairro da Torre no qual a Escola encontra-se inserida. Esse movimento no qual, deslocou o aluno do livro e levou-o a prática da pesquisa. Logo os alunos foram atrás de pessoas mais velhas (História Oral) em busca de fotos comparando o ontem e o hoje.

Já na E.E. de Paulistas situada na região metropolitana de Recife/PE, as ações realizadas pelo PIBID, tiveram como suporte a História da Família Lundgren e a Cia. de Tecidos Paulista. Nesta oficina contou-se a História da cidade através da chegada desta família que foi fundadora do município. Essa atividade mostrou a importância dela no cenário nacional e local. Para que

essa atividade se tornasse mais fluida exibiu-se o documentário “Tecidos Memória<sup>6</sup>” que fala do processo da memória coletiva dos trabalhadores locais.

Ainda nesse processo de investigação da História da cidade os alunos juntamente com os bolsistas garimpavam fotos antigas do município. Dessa forma, manteve-se a memória da urbe viva através das fotografias criando conexões entre passado e presente.

Outras atividades relevantes foi a execução do Estudo do Meio pelos bolsistas PIBID-UFPE. Esse exercício se feito de forma correta, pode trazer vantagens, pois consegue alongar o campo de aprendizado na Escola. Nessa perspectiva, bolsistas e supervisoras realizaram a aproximação do Livro Didático com a realidade do aluno. Dessa maneira, a atividade sobre o “Domínio Holandês no Nordeste” se tornou bastante significativa, uma vez que os alunos fizeram uma visita ao Recife Antigo e Olinda/PE.

Ainda relatando esse exercício os bolsistas também estenderam suas atividades além dos muros da Escola. Nessa atividade proativa os alunos participaram de uma sessão na Assembleia Legislativa do Pernambuco – ALEPE. O que proporcionou aos estudantes um contato direto com as ações políticas do seu Estado.

As experiências realizadas pelo PIBID-UFPE, demonstraram qualidade e riqueza de material. O projeto reforça a importância de um ensino cada vez mais global e plural. Isso se tornou visível ao enxergamos as atividades realizadas por eles. Logo, foi através da História Local (bairro, município ou Estado), que foram desenhadas as atividades deste PIBID, que colocou o aluno como sujeito ativo no processo de ensino-aprendizado.

A UFMG – Universidade Federal de Minas Gerais, fortaleceu nossas discussões. Lá o PIBID, confeccionou um livro de nome, “PIBID faz História: reflexões e práticas educativas na formação docente em História”. Esse exemplar possui aproveitáveis informações sobre as atividades desenvolvidas pelos bolsistas desta instituição.

Outro recurso utilizado por eles foi a criação de material de suporte pedagógico. O material, “Fontes e reflexões para o ensino de história indígena e afro-brasileira” foi criado com o intuito de suplementar as aulas de História acerca das relações étnico-raciais.

Esse suporte se tornou base para discutir as exigências do MEC – Ministério da Educação. Essas imposições foram as Leis 10.639/03 que exige o estudo da cultura afro-brasileira e a 11.645/08 que também demanda o estudo da cultura indígena.

Ao buscar outros recursos os bolsistas do PIBID-UFMG, desenvolveram uma oficina em sala de aula que teve como temática o estudo de mapas antigos. Essa atividade investigativa

---

<sup>6</sup> LEITE LOPES, Sergio; ALVIM, Rosilene e BRANDÃO, Celso. 2008. *Tecido memória*. Documentário longa metragem em DVD (70 min). Rio de Janeiro: Museu Nacional.

desenvolveu-se em parceria com o PIBID de Geografia da UFMG. Tal ação, propôs ao aluno olhar o mapa não como elemento ilustrativo, mas sim como documento histórico.

*(...) el uso de la cartografía histórica, por ejemplo, no tiene como objetivo enseñar a mirar mapas sin más; su objetivo se enmarca en el aprendizaje de conceptos tales como cambios espaciales, causas y consecuencias de los hechos etc. No se trata de hacer cosas por practicar una manualidad o por tener distraído al alumnado en actividades. Se trata de “hacer cosas” en un contexto general de acciones fundamentadas y coherentes con relación a la materia que se aprende. (PRATS, 2001, pp. 21-22)*

Diante do contato com os mapas os eles puderam ter uma experiência única que os possibilitou uma interação com outro tipo de linguagem. Desta relação, as noções de espaço tornam-se ressignificadas, pois mostraram aos alunos técnicas de dominação, delimitação de áreas.

Por meio desses relatos, foi permitido ao leitor ao longo desses percursos observarem algumas experiências realizadas pelo PIBID nas escolas em escala Nacional. Desta forma os PIBIDs, UFPB, UFPE e UFMG serviram de exemplo para reforçar as relevantes contribuições que o PIBID proporcionou para o Ensino de História.

Essas experiências ancoradas no PIBID, transformaram o cotidiano das Escolas. Isto é, o Ensino de História ampliou-se, pois, professores, supervisores e corpo escolar entram em uma contínua corrente de formação, em que um completa o outro.

Por fim, os saberes vivenciados pelos bolsistas são modos de ensinar e aprender. Nessa análise, observaram-se pequenos movimentos que interferiram positivamente no aprendizado do Ensino de história. Esse conhecimento tornou-se possível devido aproximação do aluno com o Ensino, criando uma teia de troca de experiências.

#### **4- OS RESULTADOS DO PIBID DE HISTÓRIA NA UEPB.**

*(...) la historia entendida como una materia escolar con un alto grado de posibilidades educativas, y enseñar cómo se construye el conocimiento histórico a través de situaciones de simulación de la indagación histórica y centrándose en el aprendizaje de los conceptos fundamentales de la teoría histórica. (PRATS, 2001, p. 35)*

Como discutido na parte anterior as experiências do PIBID em escala nacional, criou-se um cenário reflexivo para bolsistas e supervisoras. Nesse panorama em que o conhecimento se ressignifica no processo de ensino-aprendizado ampliando-se os saberes do Ensino de História.

Pensando nisso, as experiências lançadas por outras universidades abriram caminhos para que pudéssemos mostrar as nossas ações. O PIBID na UEPB – Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades também produziu materiais que merecem ser enfatizados.

Para que pudéssemos enxergar essas atividades a figura do professor foi elemento indispensável para pensarmos o Ensino de História. Ao entrelaçarmos a figura do professor com o aluno encontramos um dilema como nos mostra (CAIMI, 2006):

(...) os alunos são passivos para o conhecimento, sem curiosidade, sem interesse, desatentos, que desafiam sua autoridade, sendo zombeteiros e irreverentes. Denunciam, também, o excesso e a complexidade dos conteúdos a ministrar nas aulas de história, os quais são abstratos e distantes do universo de significação das crianças e dos adolescentes. (CAIMI, 2006, pp. 18-19)

E os alunos reiteram dizendo,

(...) reivindicam um ensino mais significativo, articulado com suas experiências cotidianas um professor mais “legal”, “amigo”, menos autoritário, que lhe exija menos esforço de memorização e que faça da aula um momento agradável. (Ibidem)

Nesse impasse que as atividades do PIBID-UEPB foram sendo construídas, foi nessa relação conflituosa entre professor e aluno que o projeto se tornou condutor e articulador desta conexão. Uma vez que, emergiu-se a necessidade de o professor buscar ações mais significativas que aproximassem o aluno das aulas de História.

Pensando nisso o PIBID criou artifício para que a História consiga, “(...) dar condições para que o aluno possa participar do processo de fazer, do construir a História” (BITTENCOURT, 2004, p. 57). Com isso, assegurou-se ao aluno uma maior interação com as aulas de História, pois o aluno sente-se parte do processo de aprendizagem. Desta forma,

A aula de história é o momento em que, ciente do conhecimento que possui, o professor pode oferecer a seu aluno a aproximação do conhecimento histórico existente (...). (BITTENCOURT, 2004, p. 57)

Pensando nos espaços abertos por outros projetos que possibilitaram e fecundaram o terreno para que nossas atividades fossem tecidas, PIBID-UEPB, proporcionou que os interlocutores produzissem sentido dentro da sala de aula (BITTENCOURT, 2004). Dessa maneira encontramos soluções para que esse espaço fornecesse sentido para o professor e significado para o aluno.

## **5- RELATANDO EXPERIÊNCIAS.**

As experiências vivenciadas no PIBID-UEPB foram fruto de atividades didático-pedagógicas que se realizaram na E.E.E.F.M. Mons. Emiliano de Cristo (Polivalente), situado no município de Guarabira/PB. A princípio estas atividades se desenvolveram nas turmas do 1ª a 3ª série do Ensino Médio.

Procurou-se trabalhar com relações entre a Teoria da História e Prática Docente de forma que pudessemos ultrapassar as visões tradicionais do ensino. Partindo desse pressuposto entendeu-se que o PIBID de História procurou opor-se aos tradicionalismos didáticos que ainda permeiam o Ensino de História.

A metodologia utilizada foram as aulas-oficinas, as quais se opõem às práticas tradicionais de ensinar História, que consistem em apenas utilizar o Livro Didático como suporte em sala de aula. Esta atividade (aula oficina) dinamizou o processo de construção de conhecimentos históricos entre os alunos, os quais criaram sentidos na aprendizagem da disciplina de História.

As oficinas criaram atividades dinâmicas, mobilizadoras, interativas, lúdicas e participativas. Com base nisso, constatou-se que as oficinas criaram um ambiente de ensino que possibilitou a criação de sentidos e significados no Ensino de História.

Desenvolveram-se atividades em sala de aula, partindo da seguinte questão. Será possível que o aluno crie sua consciência histórica através reconhecimento dos significados do passado no presente, alterando sua concepção de passado e modificando seu entendimento do presente? Acreditamos que sim, pois, a partir de nossa vivência na escola, nos deparamos com diferentes tipos de alunos, com várias formas de se expressarem.

Os primeiros dias em sala de aula foram contidos de muitas incertezas principalmente da nossa parte, quando observou-se o problema de desinteresse dos alunos por qualquer exercício que viesse das aulas de História. Um momento de angústia pairou sobre nós e a professora. Para quebrar este clima de monotonia elaborou-se um questionário, perguntando aos discentes o que eles gostariam que fossem mudados ou acrescentados no contexto da metodologia do Ensino de História em sala de aula.

Como já imaginávamos, os resultados foi um fiasco, pois as repostas reveladas pelos questionários nos deixaram mais confuso, onde, “Ninguém gosta de História e não adianta

mudar, pois História não possui metodologia, afinal é ler e decorar” (Resposta do questionário. Aluno A. L. P. da E.E.E.F.M. Mons. Emiliano de Cristo, concedida em 2012).

Tínhamos um problema, no entanto, resolvemos enfrenta-lo. Procurou-se propor atividades interativas que resinificassem a produção do conhecimento histórico. Através desse processo inovador e reflexivo nos aproximou da realidade da escola. Desta forma, passou-se a compreender melhor os desafios enfrentados no cotidiano da profissão docente. Com o surgimento desse problema e a necessidade de responder aos questionamentos dos alunos notou-se que as aulas-oficina visaram claramente.

Cumprida essas investigações por meio dos questionários, abriu-se caminhos que ofereceram aos professores atingirem a relação ensino-aprendizado de forma mais objetiva. Assim, percebeu-se que tanto aluno quanto professor conseguiram obter um ganho histórico-cognitivo fornecido pela oficina.

Na 1ª série do ensino médio trabalhou-se com uma oficina sob o tema de “A Mitologia Grega”. Elencamos atividades que ofereceram aos discentes a oportunidade de estudarem o tema da “Mitologia” Grega de uma forma dinâmica e crítica. Colocou-se os alunos para compreenderem alguns aspectos da antiguidade que ainda estão presentes no dia de hoje.

Nessa atividade a utilização do Livro Didático, tornou-se um suporte valioso para o processo de aprendizado. Com isso, inter-relacionou-se passado e presente, uma vez que se aguçou nos alunos o senso investigativo na busca por fragmentos do passado para ressignifica o presente através da “Mitologia Grega”.

A oficina foi pensada com intuito de levar aos alunos uma reflexão a respeito da “Mitologia Grega”. Foi explorando seus mitos, trazendo-os ao encontro da realidade em que estamos inseridos nos dias atuais.

O planejamento da aula-oficina foi criado com a proposta de trazer a Grécia Antiga para dentro da sala de aula. Com essa informação, os alunos buscaram correspondências entre os conhecimentos produzidos pelas sociedades antigas e o nosso cotidiano. Conectada com essa atividade trabalhou-se na oficina problemas sociais presentes na escola como *bullying* e as drogas.

As atividades que se desenvolveram nessa oficina foram divididas em dois momentos, que podem ser visualizados nos quadros abaixo. Com isso, tornou-se possível a otimização do tempo para realização de cada atividade propostas.

Figura 03: Quadro de atividade confeccionado pelos bolsistas PIBID – 2012.

<b>Ordem</b>	<b>Atividades</b>	<b>Tempo</b>
01	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Apresentação dos participantes e dos mediadores.</li> <li>• Apresentação da oficina: objetivos e orientações sobre as atividades.</li> </ul>	25 min
02	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Utilização do texto literário para a leitura interativa e exibição de uma cena do filme “A Odisséia”, desenvolvendo a seguir o debate sobre a narrativa do filme.</li> </ul>	40 min
03	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Produção da charge, com a temática do filme.</li> </ul>	20 min
04	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Conclusão.</li> </ul>	15 min
05	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Introdução para a organização do musical.</li> </ul>	20 min

Fonte: criado pelo autor.

Foi realizado como primeiro passo a apresentação dos participantes e mediadores, assim poderíamos estabelecer uma relação mais próximas com os alunos participantes. Diante dessas informações, convidamos os alunos a se posicionarem em círculo, após isso os mediadores contaram Histórias que representavam a época da Grécia Antiga.

A segunda parte da oficina desenvolveu-se de forma fracionada em três momentos. Eles contaram com material didático-metodológico que desempenharam um papel necessário para a abordagem do conteúdo.

No primeiro momento, utilizamos como fonte documental a Literatura, no segundo momento, apresentamos um trecho de um filme, e por fim no terceiro momento da atividade foi realizado um debate.

Fizemos, inicialmente, o uso de um trecho do poema épico de Homero, “A Odisséia”, o texto narra a utilização do grande cavalo de madeira, que tornou possível a vitória sobre os troianos. A leitura dessa história foi feita de maneira participativa e interpretativa, ou seja, ocorriam pausas para explicações e perguntas.

Correlacionado a esta atividade tornou-se necessário o uso de outras fontes documentais que suplementasse o Livro Didático. Exibiu-se um trecho do filme “A Odisséia” que procurou

mostrar a cena na qual o “Cavalo de Tróia” era entregue como um presente ateniense para os Gregos que logo em seguida seria o motivo de derrota da cidade de Tória.

Finalizou-se esta atividade, através de um debate que serviu para o aprofundamento do conhecimento do mito grego, na relação com o *bullying* e preconceito na sociedade. Com isso, foi possível fazer o aluno perceber relações de semelhança entre um mito e um contexto social.

A última parte desse primeiro momento finalizou-se por intermédio de charges confeccionadas pelos alunos. A atividade proporcionou ao aluno um saber histórico mais próximo da sua realidade, pois desenvolveu-se ações combinadas ressignificando os fatos históricos correlacionando-os a problemas da atualidade.

Assim para completarmos esse momento artístico das atividades foi cantada por alunos, bolsistas e supervisores a música “Grécia dá Samba”. Essa atividade musical concluiu nossa primeira parte da oficina pedagógica.

Mais uma vez para realização da oficina as atividades foram distribuídas sob um quadro. Conforme é exibido o quadro abaixo:

Figura 04: Quadro de atividade confeccionado pelos bolsistas PIBID – 2012.

<b>Ordem</b>	<b>Atividades</b>	<b>Tempo</b>
01	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Apresentação do segundo momento da Oficina: Objetivos e orientações sobre as atividades.</li> </ul>	10 min
02	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Apresentação do assunto usando texto literário, e após leitura, debate para assimilação.</li> </ul>	45 min
03	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Questionário para avaliação.</li> </ul>	15 min
04	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Conclusão.</li> </ul>	20 min
05	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Apresentação do musical.</li> </ul>	30 min

Fonte: criado pelo autor.

Para as atividades subsequentes do segundo momento encadeou-se informações já lançadas no primeiro instante das atividades. No mais uma vez fizemos o uso da Literatura com o texto de “Ariadne contra o Minotauro” para prosseguimento a oficina.

Neste exercício distribui-se entre os alunos fragmentos do texto de “Ariadne contra o Minotauro”, para que os alunos pudessem interpretá-lo por meio de mímica. Percebeu-se nessa

atividade que os alunos interagiram menos devido a dificuldades em compreender algumas palavras do texto. Logo, tivemos que auxiliá-los no processo interpretativo, no caso da música essa barreira não existiu.

No fim, discutiu-se e aprofundou-se nas atividades desenvolvidas em sala de aula. Neste momento, os alunos já conseguiram fazer algumas associações entre violência e drogas. As correspondências que os alunos encontraram foram que o labirinto foi observado como um caminho individual que muitas vezes pode não ter volta. E, isto pode acontecer se não houver o “fio de Ariadne”. Logo, “os mitos são, os depositários de símbolos tradicionais no funcionamento do Self cultural, cujo principal produto é a formação e a manutenção da identidade de um povo” (BRANDÃO, 1989, p.10).

O fio que pode salvar as pessoas das drogas foi interpretado pelos alunos como sendo a família, os amigos, a fé, a religião, ou até mesmo uma clínica de reabilitação. O real sentido foi levá-los a ter uma percepção problemática e interpretativa por meio da qual eles pudessem compreender que o mito grego, mesmo sendo da antiguidade, sendo criado em mundo tão distante, faz parte ainda da formação dos valores da nossa sociedade.

Na 2ª série do ensino médio, manuseou-se exercícios que saíssem um pouco do tradicional Livro Didático e partíssemos para uma discussão mais teórica. Assim traçou-se estratégias para que os alunos compreendessem os aspectos da “Micro-História” do Brasil Imperial, por traz da “Micro-História”. Diante disso, sugerimos a observação dos alunos para aspectos de higiene, beleza e moradia sempre comparando passado-presente.

Nesta atividade discorreu-se sobre a temática do Brasil Império. Decidiu-se buscar outras informações que fossem além dos nomes, datas, fatos oficiais que replicam para o aluno uma História confusa. Diante disso trabalhamos os conceitos de beleza, higiene e moradia, para que os alunos conseguissem perceber fatos deste período que ainda são presentes na sociedade de hoje.

Desenvolveu-se o exercício mostrando conceitos de higiene e beleza, logo ambos estão ligados. Para que essas atividades surtissem os efeitos desejados relacionamos os conceitos de beleza e higiene fazendo pontes de diálogo com o tempo presente.

Partiu-se destas reflexões para planejarmos os seguimentos da oficina. Assim, foi exibido trechos filme “Carlota Joaquina: a princesa do Brasil<sup>7</sup>” e pediu-se aos alunos que observassem as cenas. Diante dessas observações foram debatidos os trechos do filme, logo os alunos perceberam as vestimentas, os tipos de casamento e as relações de poder.

---

<sup>7</sup> CAMURATI, Carla; DIMANTAS. 1995. *Carlota Joaquina, Princesa do Brasil*. Filme longa metragem em DVD (1h41mim). Rio de Janeiro: Globo filmes.

Com isso se estimulou processos reflexivos nos alunos diante dos conceitos de beleza visualizados por eles através do filme. Desta forma, se criou um debate relevante em que os alunos indagavam as diferenças entre o corpo de ontem com o de hoje. Foi percebido pelos alunos que houveram alterações significativas nos padrões de beleza, antes as mulheres “mais cheinhas” eram belas, hoje as mulheres “mais magras” são consideradas mais bonitas.

Dando seguimento as atividades, foi realizado um exercício que utilizou como recursos a novela da Rede Globo de Televisão “Lado a Lado”. Essa trama televisiva se passa após abolição da escravatura se relata a luta de negros e mulheres por igualdade em um momento de grandes transformações sociais e políticas no Brasil. Desta forma delimitamos os objetivos ao analisar um recorte da novela onde o personagem Edgar vivido por Thiago Fragoso fala sobre as políticas de modernização do Rio de Janeiro no Governo de Pereira Passos.

Deste modo, mostrou-se aos alunos os diferentes tipos de moradia no Rio de Janeiro e o surgimento dos Cortiços. A partir destas informações foram lançadas ligações com conceitos de higiene.

Foram explicados conceitos de higiene no período Republicano onde a política do “Bota Abaixo” se fez presente. Nesse momento do Brasil propagava-se a limpeza e o arejamento das cidades e o alargamento das ruas e avenidas. Com esses objetivos pode-se explicar como eram os cortiços que foram ilustrados pelas cenas da novela, perceber qual o local social das pessoas pobres e negras nesse contexto.

Para que a atividade se tornassem mais fortalecida utilizamos de trechos do livro de Aluísio de Azevedo, “O Cortiço”, onde os alunos puderam perceber através da literatura vários exemplos presentes na novela e no contexto social.

Paralelamente a essa atividade criou-se outros sentidos para oficina ao exibirmos os recortes do filme “Ó Pai e ó<sup>8</sup>”. Assim foi exposto o cenário das favelas brasileiras mostrando como ficou este espaço que ainda possuem semelhanças com os cortiços de antigamente.

A 3ª série do ensino médio, criaram-se atividades de percepção do Sul brasileiro em repulsão a região Nordeste. Se pensou em conceitos de inferioridade – espaço geográfico – étnico-raciais e figuras de linguagem. Objetivou-se na oficina divulgar os pensamentos duvidosos acerca da região Nordeste, e como o Sul enxergar a região Nordeste como inferior e socialmente “sem cultura”.

---

<sup>8</sup> GARDENBER, Monique. 2007. *Ó PAI, ó*. Filme longa metragem em DVD (1h38min). Rio de Janeiro: Globo Filmes.

Assim iniciou-se esta oficina com uma dinâmica para que fosse possível quebrar a monotonia presente na sala de aula. Criou-se uma espécie de “teia de aranha” com um barbante onde cada pessoa que pegava o novelo de lã falava uma palavra do vocabulário nordestino.

Diante desse processo de construção de uma “teia de saberes” notou-se também jargões bem conhecidos tanto por nós nordestinos como pelos sulistas como, “*cabra da peste*” ou mesmo “*cabra macho sim sinhô*”.

Após esse momento lúdico e interativo, despertou-se nos discentes a reflexões de como eles veem a região Sul ou como o Sul veem eles. Assim surgiu várias informações como, relações de inferioridade, preconceito e atraso.

Esboçadas essas informações utilizou-se a internet para mostrar alguns preconceitos disseminados pelos sulistas. Os *Prints* foram extraídos do *Twitter* e *Facebook* que continham frases pejorativas e xingamentos contra os nordestinos.

Em contrapartida aos termos preconceituosos, foi trazido o “Bode gaiato” figura de linguagem que muito tem expressado os costumes nordestinos na internet [*Facebook*], em conjunto com a literatura de cordel que propaga nossa cultura, nossos costumes e as formas de convivência do “ser nordestino”.

Outro recurso que foi utilizado para analisar esses preconceitos foram observar algumas obras e seus trechos como suporte para aula de História. A obra, “A invenção do Nordeste e outras artes”, do professor Dr. Durval Muniz, em conjunto com a resenha “Ambivalências o Nordeste nas obras de Gilberto Freyre e Celso Furtado”, de Rejane Calazans, proporcionaram a observação dos alunos através de outros suportes.

Com isso abriu-se discussões variadas que ajudou o aluno a refletir um pouco sobre esse tema tão complexo. Uma vez que esse problema é uma constante, no cenário social e político.

Como meio de fixação das informações utilizou-se uma didática que os alunos criassem um cordel através da sua própria capacidade com a ajuda do professor. Essa atividade nos foi entregue, e mediante leitura dos textos (cordéis) produzidos pelos discentes, percebemos nas frases o quão orgulhoso os mesmos sentiam-se em relação a região Nordeste.

Assim realizou-se a oficina de *Desmistificação do Nordeste*, o transcurso da mesma se deu forma a ampliarmos os conceitos de valorização da cultura local, rica em amplitude de construção sociocultural econômica, de importantes costumes e de grande estima para a construção da sociedade brasileira. Esta oficina teve importância devido sua acuidade na troca de conhecimentos, já que muito do assunto trabalhado podia ser reconhecido em nossas vidas cotidianas.

### **5.1- Ditadura, depoimento: relações possíveis com o ensino de história.**

Os depoimentos de pessoas que viveram o período ditatorial são importantes para as aulas de História. Por hora, esse material foi utilizado por nós como suporte mediador das aulas criando relações possíveis com o Ensino de História.

Esse recurso proporcionou uma visão alargada da Ditadura Militar Brasileira. Uma vez que, este conteúdo traz uma riqueza de detalhes e informação. A partir disso, podem-se acentuar vários desdobramentos dentro de uma aula de História.

Ao fazer uso desse material possibilitou-se sair do usual (Livro Didático) e lançar novos olhares para o cotidiano. A utilização de Depoimentos em sala de aula mostrou de forma “viva” esse momento delicado da nossa História.

Pode-se perceber através das sensibilidades propagadas pelo depoimento que cada testemunho criava no aluno os mais variados sentimentos. Assim, possibilitou recodificar as aulas de História criando no aluno o senso crítico para esse momento delicado.

Ao pensarmos no depoimento como fonte histórica, devemos considerá-lo como um documento histórico, um fragmento do seu tempo, passível de ser explorado pelo historiador. De acordo com (BITTENCOURT, 2011) o uso de documentos nas aulas de História justifica-se pelas contribuições que se pode oferecer pelo educando:

(...) uma delas é facilitar a compreensão do processo do conhecimento histórico pelo entendimento que os vestígios do passado se encontram em diferentes lugares e fazem parte da memória oficial e precisam ser preservados como patrimônio da sociedade. Outra exigência para o uso das fontes históricas é o cuidado para com as diferentes linguagens. Os documentos como foi anteriormente apresentado, são produzidos sem intenção didática e criados por diferentes linguagens que expressam formas diversas de comunicação. Como recursos didáticos, distinguem-se três tipos de documentos: escritos; materiais (objetos de arte ou do cotidiano, construções); visuais ou audiovisuais (imagens fixas ou em movimento, gráficas, musicais). (BITTENCOURT, 2011, p. 333)

Nesta perspectiva, oportunizou-se a motivação dos alunos para o conhecimento histórico. Dessa maneira, facilitou-se rememorar o passado fazendo com que os alunos ligassem o passado com o presente. Por meio do documentário se estabeleceu um contato direto que culminou em uma discussão espontânea entre os alunos.

Manuseou os Depoimentos da Novela “Amor e Revolução<sup>9</sup>”, levando em consideração que, “a imagem audiovisual produz o efeito de real, no qual não podemos confundir com a representação que se tem sobre uma época” (ROSSINI, 1999, p. 123). O real, como a autora registra, é inatingível na sua totalidade, mas pode-se chegar nele através das representações que se constroem pelos discursos. As imagens devem ser apreciadas cheias de situações e relações sociais, permitindo ligações com o mundo de hoje, sendo úteis para gerar debates em sala de aula.

Foram experiências extremamente ricas devido a quantidade de sentidos e significados que esse suporte proporcionou. Nessa aula-oficina os depoimentos criaram uma ligação mitológica com a História que viabilizou um aprendizado mais significativo e participativo. Como ilustra os relatos dessa aluna:

A força com que a tortura era exercida naquele tempo era monstruosa, muitas pessoas traumatizadas com a ditadura com o sofrimento que eles passaram durante esse tempo de tortura, a crueldade sofrida pelas pessoas nos deixa em choque é difícil acreditar que essa seja nossa história. (Relatos da estudante V. E. da E.E.E.F.M. Mons. Emiliano de Cristo 3ª série do ensino Médio EPT)

Diante desse relato podemos perceber os efeitos benéficos que o uso do depoimento proporcionou. Isto é, podemos aproximar os alunos da História através deste suporte que ressignificou as aulas de História.

O PIBID, através desse recurso dinamizou as aulas de História juntamente com professores, alunos e bolsistas. Assim propiciou-se questionamentos, provocações e desafios, logo as cenas exibidas mesmo sendo “indigestas”, produziram um sentido muito amplo de conhecimento.

## **5.2- Grafismos afro nas aulas de História propostas possíveis:**

Mesmo com a lei vigente 10.639/03, ainda existe muita resistência dentro da escola em questão de se trabalhar a cultura de matriz africana. Pensando nisso, oportunizou-se aos alunos uma aula que trabalhassem os grafismos das pinturas africanas nas aulas de História.

---

<sup>9</sup> Ver a novela Amor e Revolução: telenovela brasileira produzida e exibida pelo SBT. Escrita por Tiago Santiago, com colaboração de Renata Dias Gomes e Miguel Paiva e com direção de Reynaldo Boury, Luiz Antônio Piá e Marcus Coqueiro e produção-executiva de Sérgio Madureira. É uma obra representativa na história da teledramaturgia do país por ser a primeira telenovela a ter a ditadura militar brasileira como parte central de seu enredo.

A aula-oficina permitiu aproximação da temática de forma que os alunos tivessem um contato direto com os grafismos africanos. Muitos alunos desconhecem a cultura africana e a relação que esse povo possui com a formação da nossa identidade nacional. Portanto, conhecer a cultura brasileira, é também conhecer as matrizes africanas.

(...) arte africana: dá possibilidade de partir de formas geometricamente adequadas para, através de sua reunião, constituir uma representação humana, animal, ou de qualquer outro tipo. Ao invés da estilização da figura humana, teremos aqui uma humanização das abstrações (...). (BARROS, 2011, pp. 87-88)

A criação desta oficina viabilizou enxergar a “arte africana” de forma mais ampla e significativa. Apensar das poucas informações obtidas acerca desta temática obteve-se significativos resultados. Logo os alunos ficaram impressionados com as belezas que são produzidas por este material.

Quando se contextualizou os grafismos os alunos puderam perceber e refletir sobre as relações simbólicas dentro de cada traço. Esta relação reflete todo um contexto social e de lugar do qual a pessoa que usa esse grafismo está inserida.

Esses traços remeteram aos campos da memória que traduziram experiências de vida que são passadas de geração em geração. Quando essas pinturas feitas em pele passaram a ser compartilhadas mostraram a construção da identidade de um povo.

Como isso os grafismos fizeram os alunos refletirem e fazerem comparações as tatuagens muito presentes no universo deles. Pois, revelou-se que cada grafismo tem uma função ou relação de proximidade com algo (família, filhos ou lugar social).

A pintura corporal é vista pelos povos africanos como como roupa, assim esse recurso possui uma variedade de sentidos. Outra informação é que essas pinturas possuem uma relação simbólica e hierárquica dentro das tribos africanas, mostrando até seu estado civil.

Os grafismos buscam referencias visuais nos elementos da natureza para serem construídos na pele. Essas técnicas possibilitaram aos alunos refletirem sobre a natureza dessas pinturas, pois as impressões feitas em pele são identidades sociais e culturais deles.

Assim como a tatuagem dos dias de hoje representam símbolos que tem como suporte o corpo humano que além de uma manifestação artística também é etnocultural. Isto é, esse material ressignificaram um tema importante para se discutir em sala de aula. Logo, esse referencial proporcionou a todos que participaram dá oficina enxergar aspectos sociais e diferentes conceitos de arte na nossa sociedade.

Dessa maneira, essas experiências formaram na cabeça dos alunos novas visões acerca dos povos africanos. Os grafismos africanos relevaram e ampliaram o conhecimento do ensino de História. Logo, devemos motivar professores a trabalhar com esse tema dando vozes os esquecidos.

Ao revelar para os alunos a infinidade de significados que estes desenhos possuem criou-se um saber crítico dos alunos que buscaram ver os desenhos de forma diferente. Por meio dessas escrituras procurou-se ampliar as visões dos discentes desmistificando estereótipos construídos e replicados pelos Livros Didáticos.

### **5.3- Documentos trabalhistas e o Ensino de História conexões possíveis:**

Percorrido esses caminhos cogitou-se na escola a necessidade dos alunos em conhecer um pouco da nossa história local. Assim sendo, foi feito o uso do NDH – Núcleo de Documentação História da UEPB, Centro de Humanidades. Preservando assim a “cultura arquivista” como nos diz Lima e Araújo:

(...) a importância da preservação, em boas condições desses materiais, para que não só os profissionais de História e Arquivologia tenham este entendimento, mas também o poder público e os demais setores da sociedade. (LIMA; ARAÚJO, 2014, p.172)

A importância de preservar esses lugares se tornou uma constante no campo historiográfico. Logo, o enfoque da história local possibilita que não só historiadores, mas pessoas comuns terem acesso a esses espaços de pesquisa. Paralelo a isso, pensando em um olhar mais social, ou seja, onde os professores possam recuperar a História da nossa sociedade como um todo e enxergar as pessoas comuns.

Foi pensando nisso que, utilizamos o NDH – Núcleo de Documentação Histórica do Centro de Humanidades – CH como espaço de pesquisa e produção do saber historiográfico. As atividades desenvolvidas nesse local condizem com a proposta e informar a alunos e professores que existe em nossa cidade um núcleo de preservação documental e o mesmo serve para que possamos compreender as relações de trabalho existentes na nossa região. Como mostra Schmidt e Cainelli:

O trabalho realizado em arquivo destaca-se pela ideia norteadora de demonstrar que parte do passado é guardada em lugar para virar história por meio das fontes. Nesse sentido, é importante a discussão do que é documento

histórico e como se transforma em fonte para o historiador. (SCHMIDT; CAINELLI, 2009, p. 152)

Procurou-se mostra fragmentos do passado e de um lugar que preserva a memória, neste caso o NDH. Os processos são trabalhistas da junta de conciliação do Tribunal Regional do Trabalho – TRT – 13, onde para a justiça esse material não representa mais utilidade e ia ser descartado. Mas, com uma ação conjunta da universidade esse material foi recuperado e se transformou em documento histórico, isto é, damos a ele sentidos e significados devido a sua importância historiográfica pois dentro dele encontramos discursos que revelam um pouco da nossa história trabalhista local.

Para se trabalhar com esse material exigiu-se um planejamento prévio para que os documentos conseguissem atingir os objetivos desejados de instigar nos alunos a criticidade do documento. Assim, pode-se perceber conflitos e resistência através da análise do documento histórico.

Retirar o aluno do espaço escolar e colocá-lo em contato com um arquivo foi uma das nossas atividades. Nessa relação investigativa observou-se o documento como vestígio deixado pelo homem.

Percorrer um arquivo é “sentir” a “História viva” em cada pedaço em cada processo do NDH. Quando os alunos passaram a compreender esse espaço revelador de conflitos e resistência dos sujeitos marginalizados pela História, se abriram caminhos para recriação dos discursos agora vistos pela ótica dos alunos.

No arquivo, os alunos são instigados a pensar sobre o passado, estabelecendo interferências sobre os objetos e fontes que poderiam indicar como viviam as pessoas, como as mudanças ao longo do tempo transformaram a forma como se escreve a história, o modo como vivem as pessoas, a tecnologia. (Ibidem)

Desse jeito, o roteiro didático nos arquivos em especial o NDH, proporcionou a aproximação entre Educação Básica e Universidade. Logo os alunos ganham mais um recurso para questionar e refletir sobre o passado.

Os documentos históricos propiciaram essa transposição didática que descolaram esse aluno da sala de aula para o arquivo havendo assim ressignificação do aprendizado. Diante desse processo de conhecimento histórico e de compreender as operações cognitivas que a pesquisa oportunizou privilégios na concepção do saber histórico gerando benefícios teórico e metodológicos que antes eram negados aos alunos.

Assim, a atividade oportunizou aos alunos do terceiro ano médio uma aproximação com arquivo e com o documento histórico. Desta forma, o trabalho na oficina com os alunos E.E.E.F.M. Mons. Emiliano de Cristo os introduziu em um arquivo oportunizando-os senso de pesquisa.

Entendeu-se que os processos trabalhistas com ajuda de bolsistas do PIBID e NDH em parceria com a supervisora proporcionaram análises de contextos sociais, políticos e econômicos. Ao vasculhar os autos findos da justiça podemos perceber evidências como, (reivindicação de direitos trabalhistas, lutas de classe, mudanças, conflitos e permeâncias de práticas trabalhistas).

O documento histórico pode ser um material confiável para construção de uma história mais plural, e menos uniforme, que não silencie as múltiplas vozes e sujeitos históricos presentes nos processos trabalhistas.

## **6- CONSIDERAÇÕES FINAIS:**

Com essas atitudes, pudemos entender o Ensino de História de muitas formas. Este texto mostrou as pluralidades possíveis dentro da construção de um saber historiográfico dinâmico e articulado com as questões sociais dos alunos.

Com isso, ao longo desse percurso narrativo que contamos um pouco das nossas “aventuras” dentro da Educação básica. Em que, o PIBID se tornou braço articulador, extensor da Universidade dentro da Educação.

Vemos que nessa relação o PIBID se fez presente, na qual ficou explícita as várias possibilidades para trabalhar o Ensino de História. Quando aproximamos as Drogas da realidade dos alunos contextualizando-a com o Mito Grego, notou-se que as drogas conduzem as pessoas para um grande labirinto. Mesmo o Mito estando tão “distante” dos discentes se faz presente na sociedade.

As junções feitas pelo projeto alcançaram correspondências com a História, Cinema, Literatura e Artes. Isto é, a utilização destas disciplinas como suporte para História, tornou-se relevante, pois ampliou o campo das discussões historiográficas, logo o aluno se sente atraído pelas discussões teóricas que se tornaram mais fluidas quando a História dialogou com outras matérias.

Como consequência desta interlocução interdisciplinar, originou-se as possibilidades para que a História desse ao aluno sentido e significado. Desse modo, as aulas com alusão a Ditadura Militar Brasileira, tendo como suporte o audiovisual, deu aos discentes novos olhares para que

eles pudessem enxergar o seu passado. Diluídas estas informações captou-se a importância de trazer novos recursos para suplementarem as aulas de História criando meios de aprendizado mais próximos do alunado.

Nestes ligamentos que o PIBID desenvolveu, os grafismos trouxeram informações importantes para alunos e professores (desmistificação de estereótipos através dos grafismos). Com isso, pudemos atingir novas perspectivas acerca das discussões étnico-raciais, isto é, trazer esta atividade para dentro da sala de aula, garantiu aos discentes verem a importância e a riqueza que é esta cultura e como ela é importante para nossa formação social.

Diante disso, o exercício de visitar o núcleo de documentação no qual proporcionou aos alunos entender o processo de preservação e memória de uma sociedade tornou-se uma experiência riquíssima de informação. Além disso, foi possível melhorar as relações teoria e prática, pois enxergou-se a História de ontem, presente no hoje.

Nessa relação entre ontem e hoje, não estabelecemos padrões de encontrar uma História “pura” ou “total” e que possa ser construída de forma fidedigna ao passado. Também, não pretendemos esgotar todo o assunto ainda pouco explorado no campo das discussões historiográficas. Assim sendo, não podemos colocar dentro da escola uma História baseada apenas nas concepções atuais, pois isso gera anacronismos.

Assim, produziu-se esse texto histórico dando mais um objeto a História. Logo, passamos a representar nossa longa caminhada na Educação básica. Diante disso, criou-se aulas mais prazerosas e significativas que aproximam o aluno da realidade.

Dizer que a História necessita ser “transcrita” é ser prepotente, tendo em vista não só as descobertas do PIBID, mas um esforço conjunto de Universidades e Escola, que possibilitaram o desenvolvimento destas atividades.

Prova disso, são as buscas incessantes por recursos, materiais e o documentos históricos. Em sentido amplo, mostramos as alterações e intervenções nos processos de ressignificação do conhecimento histórico.

Repensar o passado exigiu de nós considerações significativas em entender os atritos, permanências e rupturas. O Ensino de História é “vivo” e “mutável” e “construído”. Ora, o “fazer histórico” se modifica com o tempo que o ressignifica é um homem do presente.

Ensinar História é uma ação pedagógica conjunta e o estudo do objeto em si. Esse objeto o “fazer histórico” é alterado por intermédio de transformações sociais como as interseções realizadas pelo PIBID na sala de aula.

Essas façanhas se deram porque os agentes estão ressignificando suas práticas, professores, alunos, bolsistas, corpo escolar até os pais mudam sua forma de pensar. Ou seja, é

um movimento que sai do professor e “contagia” todos aqueles que estão próximos das “zonas de atuação” do projeto. Mesmo que essas mudanças sejam lentas e gradativas possuem um alto grau de qualidade.

Compreendeu-se que o “fazer histórico” altera as configurações da escola. Isso posto, não queremos sustentar a hipótese que haja mudanças radicais nas estruturas do ensino tradicional. Logo esse não pode ser descartado, pois ainda precisamos dele para nos lançarmos sobre novas abordagens no Ensino de História.

Esses relatos ampliaram as visões acerca do PIBID e suas metodologias. Percebeu-se que modernizar o ensino não é o bastante enchendo o professor de quinquilharias eletrônicas (computador, projetor multimídia, *Tablets*), pois estes mais atrapalham que ajudam. Assim o que se deve municiar é o material humano (professor) dando-lhe suporte didático-metodológico.

Mais que modernizar, o PIBID, auxilia, amplia e constrói um saber muito mais articulado e colaborativo com professores mostrando que sua prática é um objeto de pesquisa. Melhor dizendo, uma aula pode ser muito conservadora, exaustiva e ultrapassada quando enchemos ela dos mais modernos materiais audiovisuais sem compreender o aluno.

Concluimos que com o PIBID, as aulas se tornam proativa, pois chegamos mais perto do discente, logo não existem um muro que isole essa relação professor-aluno. Com o projeto as relações são muito mais ativas e concatenadas com a realidade dos discentes.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

- ARROYO, Miguel Gonzáles. *Oficio de mestre: imagens e autoimagens*. 6 ed. Petrópolis: Vozes, 2002.
- BARROS, José D'Assunção. *As influências da arte africana na arte moderna*. Afro-Ásia, 44 (2011), 37-95. Disponível em: <[http://www.afroasia.ufba.br/pdf/AA\\_44\\_JABarros.pdf](http://www.afroasia.ufba.br/pdf/AA_44_JABarros.pdf)> Acesso em: 29/06/2016.
- BITTENCOURT, Circe (org.). *O saber histórico na sala de aula*. 9ª ed. São Paulo: Contexto, 2004 (Repensando o Ensino).
- BITTENCOURT, Circe. *Ensino de História: fundamentos e métodos*. São Paulo: Cortez, 2011.
- BRANDÃO, Junito de Souza. *Mitologia Grega*. Vol. I. 5 ed. Petrópolis: Vozes, 1989
- BRASIL. Ministério da Educação e Cultura. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros curriculares nacionais: terceiro e quarto ciclo do ensino fundamental: história*. Brasília, 1997
- BRASIL. *Coordenação de Aperfeiçoamento de Nível Superior – CAPES*. Disponível em: <<http://www.capes.gov.br/educacao-basica/capespibid/pibid>> Acesso em: 13/08/2016.
- CAIMI, Flávia Eloisa. *Por que os alunos (não) aprendem História?* Reflexões sobre ensino, aprendizagem e formação de professores de História. Tempo, vol.11, número 21, jun. 2006, p. 18. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/tem/v11n21/v11n21a03>> Acesso em: 29/06/2016.
- CATELLI, Júnior Roberto. *Temas e linguagens da história: ferramentas para a sala de aula no ensino médio*. São Paulo: Scipione, 2009.
- FERRER, André.; PERNAMBUCO, M. M. *Formação de professores: interação Universidade – Escola no PIBID/UFRN*, v. 1. Natal: EDUFRN, 2011.
- PEREIRA, Júnia Sales; TIMÓTEO, Herbert de Oliveira; FILHO, Mariano Alves Diniz (org.). *PIBID faz história: reflexões e práticas educativas na formação docente em história*. Belo Horizonte: PIBID/FAE/UFMG, 2013 (Coleção Relato de Experiência).
- PESSOA, Ângelo Emídio da Silva; LÔBO, Isamarc Gonsalves; BEZERRA, Josineide da Silva (org.). *História e sociedade: saberes e diálogos*. Campina Grande: ADUFCG, João Pessoa: A União, 2014.
- PRATS, Joaquim. Enseñar Historia: Notas para una didáctica renovadora. In. *Primera parte: la enseñanza de la historia*. Mérida: JUNTA DE EXTREMADURA. Consejería de Educación, Ciencia y Tecnología Dirección General de Ordenación, Renovación y Centros, 2001, pp. 13-71. Disponível em: <[http://histodidactica.es/libros/Ens\\_Hist.pdf](http://histodidactica.es/libros/Ens_Hist.pdf)>. Acesso em: 10/09/2016.
- ROSSINI, Miriam. As marcas da História no Cinema, as marcas do Cinema na História. In. *Revista Anos 90*. Número 12, dezembro de 1999. Porto Alegre. Disponível em: <<http://www.seer.ufrgs.br/index.php/anos90/article/view/6596/3917>>. Acesso: 7/09/2014.

SCHMIDT, Maria Auxiliadora; CAINELLI, Marlene. *Ensinar História*. Scipione, 2009.

#### LEIS CONSULTADAS:

BRASIL. *Lei nº 11.502*, de julho de 2007. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2007-2010/2007/Lei/L11502.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2007/Lei/L11502.htm)> Acesso em: 20/01/2016.

BRASIL. *Decreto nº 6.094*, de 24 de abril de 2007. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2007-2010/2007/decreto/d6094.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2007/decreto/d6094.htm)> Acesso em: 20/01/2016.

BRASIL. *Decreto nº 6.755*, de 29 de janeiro de 2009. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2007-2010/2009/decreto/d6755.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2009/decreto/d6755.htm)> Acesso em: 20/01/2016.

BRASIL. *Lei nº 11.947*, de 16 de junho de 2009. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2007-2010/2009/lei/11947.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2009/lei/11947.htm)> Acesso em: 20/01/2016.

BRASIL. *Lei nº 10.639 de 9 de janeiro de 2003*. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/2003/L10.639.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/L10.639.htm)>. Acesso em: 14/05/2016.

BRASIL. *Lei nº 11.645 de 10 de março de 2008*. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2007-2010/2008/lei/11645.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/11645.htm)>. Acesso em: 14/05/2016.

#### EDITAIS CONSULTADOS:

Pró-reitoria de Ensino e graduação – PROEG Programa institucional de Bolsa de Iniciação à Docência – *PIBID/UEPB EDITAL 010/2012 – PROEG – UEPB*. Seleção de Bolsistas e Participantes do Programa – PIBID. Disponível em: <<http://www.uepb.edu.br/abertas-inscricoes-para-processo-seletivo-do-programa-institucional-de-bolsas-de-iniciacao-a-docencia-da-uepb/pibid/>> Acesso em: 20/01/2016.

Pró-Reitoria de Graduação - PROGRAD Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência – *PIBID/UEPB EDITAL 002/2014*. Disponível em: <[http://www.uepb.edu.br/download/editais\\_e\\_sele%C3%A7%C3%B5es/EDITAL\\_002\\_PROGRAD\\_PIBID\\_UEPB\\_2014\\_INICIACAO\\_DOCENCIA.pdf](http://www.uepb.edu.br/download/editais_e_sele%C3%A7%C3%B5es/EDITAL_002_PROGRAD_PIBID_UEPB_2014_INICIACAO_DOCENCIA.pdf)> Acesso em: 20/01/2016.